

MST: UMA TRIBO PÓS-MODERNA

Ana Paula Megiolaro Tregnago*

A partir de algumas noções de Michel Maffesoli, como a Tribo, a Pós-Modernidade, o Imaginário e a Comunicação, faremos uma leitura do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra (MST), tendo como objeto uma matéria do jornal Correio do Povo de 04 de maio de 2002, referente à invasão do MST à Fazenda Ana Paula (FAP), ocorrida no período de 3 a 17 de maio do mesmo ano.

A Tribo desempenha hoje o “papel que tinha literalmente na selva verdadeira”. As mais variadas tribos, “religiosas, sexuais, culturais, esportivas, musicais”, possuem uma constituição semelhante de “ajuda mútua, partilha de sentimentos, ambiência afetual” (Maffesoli, 2003, p.44).

A formação dos grupos ocorre por afinidades cognitivas e estas residem no compartilhamento das emoções, enquanto o Laço Social, na razão. O emocional não é apenas característica do emotivo, ele tem uma dimensão além do psicológico e remete a uma consciência coletiva, resalta Maffesoli (2004).

O Tribalismo é a maneira fácil de expressar o indivíduo através do grupo. O que estava em primeiro plano na Pré-Modernidade e na Pós-Modernidade era a preocupação com a Tribo, com o Bem Comum e o coletivo. Enquanto que, em toda Modernidade a prioridade era o indivíduo. A idéia de se perder no outro constitui o Ser Heterônomo, o qual “só existe pelo e graças ao outro”. Essa nova ordem social faz parte da Pós-Modernidade:

Trata-se de uma ordem Comunicacional, simbólica em seu sentido mais forte, uma ordem que, depois do parêntese da modernidade, fundada no *principium individuationis*, reencontra o *principium relationis* das sociedades tradicionais ou primitivas. O estabelecimento de uma relação desse tipo é multiforme, afetando vários domínios da vida social: religioso, cultural, político e social. Ela tem algo de arcaico, no sentido de que reinveste essa pulsão primária, que faz com que se busque um es-

paço comunitário, onde o indivíduo só tem valor em função do grupo no qual se inseriu. É exatamente isso que permite falar de tribalismo (Maffesoli, 1995, p.78).

A formação dos grupos ocorre por afinidades cognitivas e estas residem no compartilhamento das emoções, enquanto o laço social, na razão.

Quando observamos a Pós-Modernidade vemos a ausência de grandes discursos, mas cada Tribo tem seu próprio, ou seja, neste período, temos a multiplicação de pequenas ideologias e não a sua extinção, também, a multiplicação de pequenos mitos e de pequenas narrativas. A contradição entre a Modernidade e a Pós-Modernidade está no fato de que, nesta última, o indivíduo não existe para si mesmo, mas sim para o olhar do outro, explica Maffesoli (2004).

A noção de Imaginário reside no “mundo imaginal”, o qual é a essência da Comunicação. A noção de “mundo imaginal” é “todo conjunto feito de imagens, imaginações, símbolos que constrói a vida social” (Maffesoli, 1999, p.133). Para Maffesoli (1995, p.80), na Comunicação Pós-Moderna, o indivíduo não vale por si mesmo, mas na medida em que se lança no outro. É a Comunicação que mantém a relação entre os sujeitos.

O princípio relacional põe em jogo, no sentido forte do termo, uma pessoa que, seja por uma comunicação verbal, seja por uma comunicação não-verbal, está sempre em interação com o outro, no seio dela mesma, ou com outrem, no seio do social.

Para falar no discurso das Mídias, primeiro devemos nos reportar à etimologia da palavra discurso, “discurrere”, que significa “correr por vários lados”, afirma o autor. Vamos lembrar o exemplo utilizado por ele, no Seminário, o qual diz que, apesar da televisão ser para todos, os programas são direcionados a pequenos grupos, são produzidos e editados para eles, o público-alvo. Estendo isso ao nosso objeto, o jornal Correio do Povo é produzido para a sociedade gaúcha, apesar de sua distribuição também atingir os estados de Santa Catarina, Paraná e Brasília. Sabemos que a sociedade é composta por Tribos, mas a redação do veículo também é constituída por (micro)Tribos que produzem matérias para determinados leitores. Por exemplo, a quem interessa a matéria sobre a invasão do MST à FAP? Talvez aos produtores rurais, aos Sem-Terra, aos sociólogos, etc., as mais variadas Tribos Sociais.

A formação da Tribo MST ocorreu, oficialmente, há mais de 20 anos, quando um grupo de colonos, sem terra para trabalhar, organizou-se.

Com isso, observamos que “o discurso das mídias, à imagem de um social (...) expressa, em seqüência, as paixões, os afetos, os sentimentos vividos no dia-a-dia da existência imediata” (1995, p.82). Tudo está, de certa forma, interligado ao emocional, tanto os sujeitos que compõem uma determinada Tribo, como as relações que caracterizam a Pós-Modernidade. O Imaginário das pessoas é essencial para que ocorra a Comunicação, e esta integra os indivíduos em sociedade, sendo o instrumento que mantém a relação entre eles.

Quase em proporções da física natural e social, podemos dizer que o corpo produz Comunicação, uma vez que, ele

ocupa espaço, é visto, favorece o tátil. A corporeidade é o ambiente geral no qual os corpos se situam uns em relação aos outros; sejam os corpos pessoais, os corpos metafóricos (instituições, grupos), os corpos naturais ou os corpos místicos. É, por-

tanto, o horizonte da comunicação que serve de pano de fundo à exacerbação da aparência (Maffesoli, 1999, p.133-134).

Embasados nas noções de Maffesoli, discurridas acima, a nossa leitura do MST é, a partir da matéria do Correio do Povo, sobre a invasão do MST à FAP, publicada no dia 4 de maio de 2002, página 17 da editoria Geral, apresentando a manchete: “Invadida Estância Invernada, em Aceguá”, e linha de apoio: “MST justifica que foi nova manifestação de inconformidade contra o governo federal. Fazenda é referência em pesquisa genética”.

Constatamos a presença de duas Tribos: MST e produtores rurais. E, talvez, uma terceira, formada pela redação do veículo (representada pelo jornalista que compôs a matéria). Mas é muito provável que outras pessoas façam uma leitura diferente da nossa, deste mesmo objeto.

Podemos dizer que cada uma das Tribos possui sua própria compreensão a respeito da invasão do MST à FAP. O entendimento está baseado no Imaginário que, por sua vez, se apóia nas emoções. O Imaginário é constituído pela visão de quem faz parte da Tribo, por isso, cada uma, em seu contexto, observa a ação de modo particular. Para o MST, o ato é uma forma de protesto para agilizar o processo de reforma agrária e os assentamentos das famílias de Sem-Terra. Atualmente, o movimento envolve quase dois milhões de pessoas, destas, cerca de 350 mil famílias estão assentadas e, aproximadamente, 160 mil vivendo em acampamentos a espera de terras¹. Segundo dados coletados há um ano, no mesmo local, o movimento possuía 1,5 milhão de pessoas. Nestes 12 meses o crescimento do grupo foi de meio milhão de militantes².

Enquanto que para o proprietário da FAP e os produtores rurais, compondo a mesma Tribo, é uma invasão em seu sentido literal, uma violência, uma violação da Constituição, pois está garantida por lei, no Artigo 5º, caput e inciso XXII, a proteção da propriedade privada. Para a Tribo da redação, resta a imparcialidade. Temos a nítida impressão de que o repórter ouviu os dois lados que se encontram, na situação, como opostos, o MST e o proprietário da FAP. Ele discorreu sobre a posição de ambos, sem esboçar nenhuma reação explícita. Porém, devemos ter a convicção de que, o redator, ao fazer a seleção das citações, dos entrevistados, que colocou na matéria, não está sendo omissivo.

A formação da Tribo MST ocorreu, oficialmente, há mais de 20 anos, quando um grupo de colonos, sem terra para trabalhar, organizou-se. A ligação aconteceu pela partilha de sentimentos semelhantes e afinidades. Isso caracteriza,

pois temos uma bagagem cultural que é farta de símbolos, significados e emoções.

Talvez nossa abordagem não revele nada de novo, apenas constate mais uma vez os problemas sociais vividos por esta Tribo, o MST. Mas queremos expressar nosso desejo de ver solucionadas as questões desse grupo, que acabam atingindo, diretamente, os produtores rurais e também a nós, que presenciamos os fatos e nos envolvemos emocionalmente com as causas e os efeitos das invasões.

NOTAS

* Mestranda do PPGCOM da PUCRS.

¹ <http://www.mst.org.br/histórico/história.htm> - 24/06/2004

² <http://www.mst.org.br/histórico/história.htm> - 26/06/2003

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil: Promulgada em 5 de outubro de 1988**. Obra coletiva de autoria da Editora Saraiva com a colaboração de Antonio Luiz de Toledo Pinto, Márcia Cristina Vaz dos Santos Windt e Luiz Eduardo Alves de Siqueira. São Paulo: Saraiva, 2001, 27ª ed.

GÖRGEN, Sérgio Antônio. **Marcha ao Coração do Latifúndio**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

MAFFESOLI, Michel. **A Contemplação do Mundo**. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1995.

_____. **No Fundo das Aparências**. Petrópolis: Vozes, 1999, 2ª ed.

_____. **Mediações Simbólicas: A Imagem como Vínculo Social**. In: MARTINS, Francisco Menezes; SILVA, Juremir Machado da (Org.). **Para Navegar no século XXI**. Porto Alegre: Sulina/Edipucrs, 2003, 3ª ed.

_____. **Comunicação, Imaginário Social e Pós-Modernidade**. Porto Alegre, PUCRS, 13,14 e 15 de set. 2004. Registro das aulas ministradas durante o Seminário.

STÉDILE, João. **A reforma agrária e a luta do MST**. Petrópolis: Vozes, 1997, 2ª ed.

Outras Fontes:

CORREIO DO POVO. Porto Alegre, 04 de maio de 2002, p.17.

<http://www.mst.org.br/histórico/história.htm> - 26/06/2003 e 24/06/2004.